

CRIAR CORPO, CRIAR CIDADE

ANA ESTEVEENS E SOFIA NEUPARTH (ORG)



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

CRIAR CORPO CRIAR CIDADE

COORDENAÇÃO

Ana Estevens e Sofia Neuparth

AUTORES

Aitor Varea Oro, Álvaro Fonseca,
Joana Braga, Marta Traquino,
Shahd Wadi e Julia Bentz

TRADUÇÃO

Filipe Matos

DESIGN

Susana Gama

IMAGEM DA CAPA

Ana Estevens

EDIÇÃO

Centro de Estudos Geográficos, Instituto
de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa

ISBN

978-972-636-269-2



Lisboa, Julho de 2018

Este livro é publicado no âmbito dos seminários de investigação CRIAR CORPO CRIAR CIDADE, 1ª edição, organizados pelo projecto Ágora Encontros entre a Cidade e as Artes: Explorando novas Urbanidades [PTDC/ATP-GEO/3208/2014] e o c.e.m - centro em movimento.

Este livro é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (UID/GEO/00295/2013).

ÍNDICE

04 CRIAR CORPO CRIAR CIDADE

ANA ESTEVENS E SOFIA NEUPARTH

05 A ARTE DE PARTICIPAR

AITOR VAREA ORO

14 PENSAR A NATUREZA NA
CIDADE QUE-VAI-SENDENDO

ÁLVARO FONSECA

22 PERCURSO INTERROGATIVO
PELAS MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS
SINGULARES DE UM LUGAR:

TOPIAS URBANAS EM CHELAS

JOANA BRAGA

36 DIAGONALMENTE

MARTA TRAQUINO

48 CORPOS NA TROUXA.
HISTÓRIAS-ARTÍSTICAS-DE-VIDA DE
MULHERES PALESTINIANAS NO EXÍLIO

SHAH D WADI

58 ART FOR CHANGE
ARTE, ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS
E CAPACITAÇÃO DE JOVENS

JULIA BENTZ

65 BIOGRAFIAS

PERCURSO INTERROGATIVO PELAS MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS SINGULARES DE UM LUGAR

TOPIAS URBANAS EM CHELAS

JOANA BRAGA



PERCURSO INTERROGATIVO PELAS MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS SINGULARES DE UM LUGAR

TOPIAS URBANAS EM CHELAS*

JOANA BRAGA

O projecto Topias Urbanas desenvolveu-se no seguimento de um convite feito pelo director artístico do Teatro Maria Matos, Mark Deputter, e da assistente de programação, Liliana Coutinho, a mim e à Fernanda Eugenio. Propuseram-nos o desenho de um projecto artístico, com uma dimensão participativa, que se desenvolvesse na zona de Marvila, em Lisboa, particularmente numa área dessa freguesia conhecida por Chelas. O Mark e a Liliana conheciam algumas práticas em que

tínhamos estado envolvidas anteriormente e estavam familiarizados com as nossas inquietações com a cidade e o modo como o espaço urbano é apropriado e transformado por quem o habita.

O convite tornou-se, pois, numa carta aberta para a concepção de um projecto duracional, que desdobrámos na proposta de uma prática e modo de operar situados. Esboçámos então um conjunto de linhas que guiassem o desenvolvimento do projecto que viria de-

pois a acontecer; deixando em aberto o modo como se concretizaria, uma vez que desejávamos que se viesse a construir em situação, através da relação que estabelecêssemos com esta área da cidade. Consequentemente, deslocámos o centro do Topias Urbanas dos objectos que viesse a produzir para o processo do qual emergiriam, o trabalho de campo que desenvolvemos no território, habitando-o diariamente, ao longo de 10 meses.

* - Neste texto estão incluídos livremente e de forma fragmentada excertos de um outro, que escrevi durante o projecto Topias Urbanas, e foi publicado na brochura que acompanhou as apresentações públicas dos objectos situação em Setembro de 2017.

Como matriz conceptual que guiou este encontro, a noção de que as idealizações sociais e políticas têm sido recorrentemente associadas à imaginação de espacialidades específicas. Utopia, distopia, heterotopia, a tríade de topias que emergiu em relação de tensão e que o projecto recuperou, repensando as suas significações e questionando a sua potência. Não o discurso da Utopia como idealização abstracta e totalizante do espaço social, modelo que quando concretizado conduziu várias vezes a distopias associadas a formas de controlo e classificação do espaço e do tempo, dos corpos e das suas relações afectivas e políticas.

O que nos interessava verdadeiramente era o facto destes projectos de controlo terem sido continuamente ignorados ou desobedecidos, mesmo que de modo precário e frágil, pela emergência de heterotopias, em que o espaço e o tempo, incorporando a potência da abertura e transformação, adquirem a qualidade de limiares.



[1]

Ortofotomapa 1. Amendoeiras; 2. Olival; 3. Condado; 4. Marquês de Abrantes; 5. Salgadas; 6. Alfinetes; 7. PRODAC Sul; 8 PRODAC Norte; 9. Vale Fundão; 10. Armador; 11. Flamengo; 12. Lóios; 13. Marvila Velha
© TOPIAS URBANAS

Procurámos assim mapear momentos heterotópicos que já se encontram no território e resgatar a noção de utopia como força múltipla para a reinvenção do espaço através do fazer situado, contingente e inacabado. Já não Utopia no singular, mas o conceito de "utopias activas", avançado por Zygmunt Bauman¹, que designa práticas capazes de introduzir brechas no presente através das quais outros futuros podem ser imaginados. Como é que os habitantes deste território se apropriam do mesmo, como o metamorfoseiam e transformam nas suas práticas quotidianas? Que modos de vida persistem, resistem, e se reinventam ali, para além daqueles que se regem pelo regime de produtividade e eficácia imposto pelo capitalismo tardio?

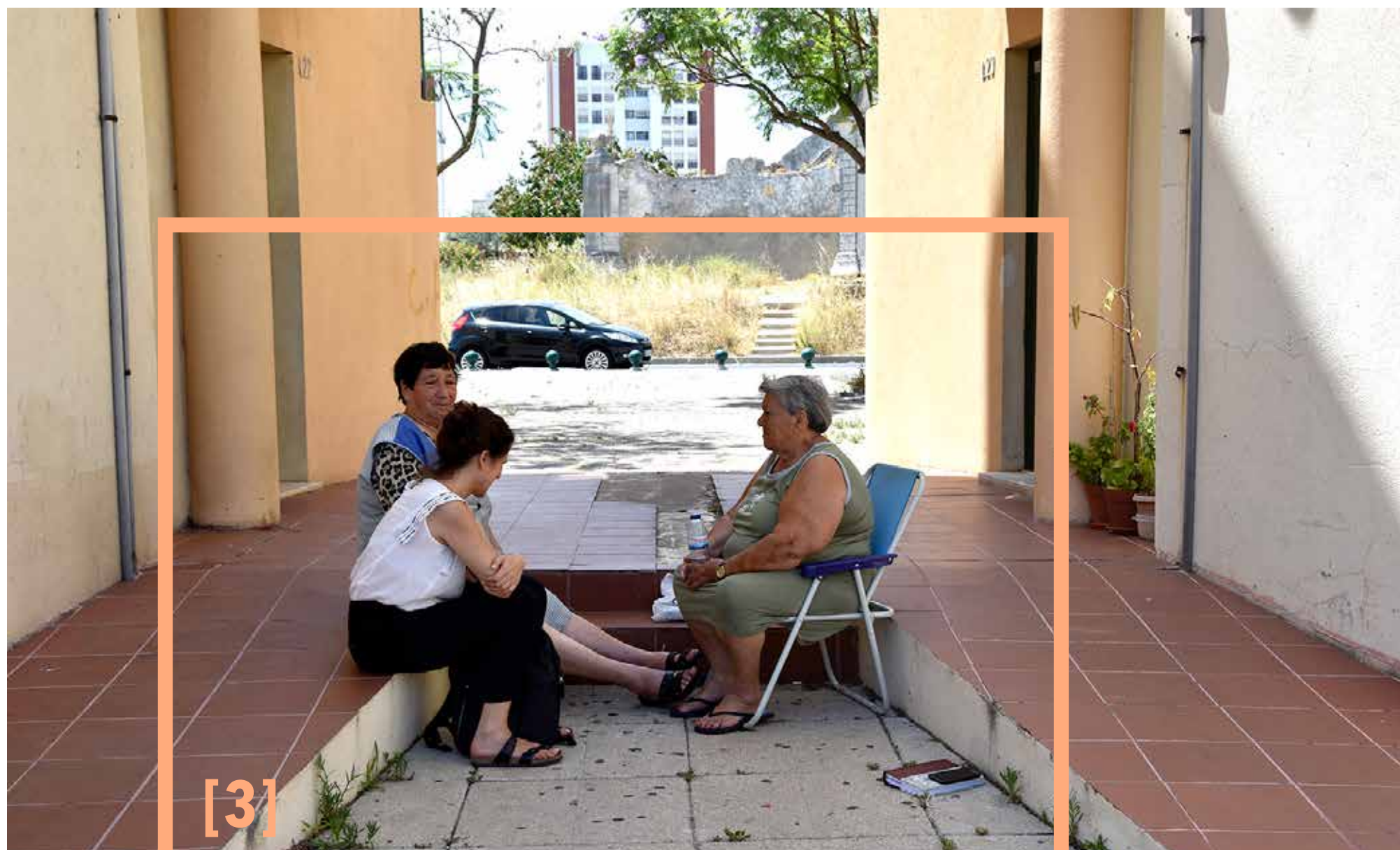
Topias Urbanas iniciou-se pela pesquisa de campo, exploratória, que alargada à vastidão e heterogeneidade de Chelas, área urbana que sabíamos nunca conseguir abarcar na sua totalidade. Caminhámos por este grande pedaço de cidade, experienciámos os seus contrastes, fracturas, mas não habitámos quotidianamente todos os lugares que o compõem. Este primeiro contacto momento concretizou-se na experiência corporizada do território feita pela prática diária de caminhadas colectivas, interrompidas por momentos de permanência atenta em pontos específicos do espaço, definidos ao longo do processo. Caminhar e permanecer, as duas modulações do movimento quotidiano dos corpos. Usámo-las como práticas operativas para mapeamentos situados, sensoriais e afectivos; partindo de duas partituras distintas. Por um lado, a deriva, marcada pela prática do desvio, que definindo regras específicas para o percurso, lhe atribui um outro propósito, activando uma

1 - Bauman, Z (1976) Socialism: The Active Utopia. Holmes and Meier Publishers, New York.



[2]

Imagem incluída na série imagens-situação. Série de imagens que, referenciando situações existentes, são capazes de mapear questões que atravessam o território. Aqui a emergência de espaços limiares através da extensão do espaço doméstico sobre as áreas de circulação dos grandes complexos habitacionais. Estes espaços limiares, onde a coexistência tem de ser negociada, potenciam encontros ao mesmo tempo que promovem conflitos. Lóios, Pantera cor-de-rosa.
© TOPIAS URBANAS



[3]

Permanência e encontro. Marquês de Abrantes.
© TOPIAS URBANAS



[4]

Rebanho em movimento. Marquês de Abrantes.
© TOPIAS URBANAS

atenção crítica ao que o espaço urbano impõe, condiciona, sugere e propicia. Por outro, a caminhada pautada pelo desejo de criar a possibilidade do encontro: estar disponível e até mesmo provocar a relação, mais ou menos fugaz, com os estranhos com quem nos cruzássemos. Passámos quatro semanas a caminhar colectivamente por toda a área.

Como mote, o desenho de cartografias sensíveis desta zona da cidade composta por um conjunto de bairros

tão diversos tanto na materialidade urbana como na vivência quotidiana, e pelas grandes áreas de descampados expectantes que as separam.

Chelas, território heterotópico

A zona conhecida por Chelas é separada do resto da cidade por fronteiras físicas muito evidentes: a Poente a Avenida Almirante Gago Coutinho, a Norte a Avenida Marechal Gomes da Costa, a Sul e Nascente a linha fer-

roviária de cintura interna. Corresponde à área geográfica de Lisboa com a orografia mais acidentada, é atravessada por vários sistemas de colinas e vales, tendo permanecido rural até meados do século XX, ocupada por quintas, algumas ainda com produção agrícola. Somente a faixa ribeirinha, a Nascente do caminho-de-ferro, era área industrial desde meados do século XVIII.

Ao longo das décadas de 50 e 60 do século XX, assistiu-se a uma intensa migração rural para Lisboa. Estes migrantes encontraram neste pedaço de cidade, em particular nas construções em redor dos Palácios desabitados, e nos pátios e vila operárias da faixa ribeirinha, lugar para morar, encontrando trabalho nas fábricas da zona oriental. Assentamentos precários, dispersos por toda a área de Chelas, com maior expressão na proximidade dos seus limites, cresceram a partir de então e até à década de 90. A Nascente, fronteira com a linha férrea, cresceu o Bairro Chinês, o maior aglomerado de barracas da zona oriental da cidade, onde, no início dos anos 70 chegaram a habitar cerca de 8.000 pessoas². Na zona Norte, perto da Praça Do Aeroporto, cresceu um outro aglomerado que adquiriu dimensão significativa. Surgiu como bairro provisório (tendo permanecido até 1999), aquando da construção da Ponte 25 de Abril (no início dos anos 60), com o objectivo de alojar as populações do Vale de Alcântara, Bairro do Alvito e Casal Ventoso de Baixo desalojadas na sequência da construção dos acessos à ponte, como um conjunto de arruamentos de casas pré-fabricadas.

Toda a área de Chelas foi, em 1959, afectada a um grande plano urbano para resolver a grave carência habitacional de Lisboa, o Plano de Urbanização de Chelas que veio a ser promulgado em 1964. Com a sua materialização, este território sofreu alterações significativas, passando a estruturar-se a partir do novo traçado viário, que o dividiu em 5 porções onde foram construídas as zonas habitacionais: Amendoeiras e Olival (zona I); Condado (zona J); Marquês de Abrantes, Salgadas, Alfinetes

² - Rebolo, João Manuel Teles. 2017. O realojamento do Bairro Chinês em Marvila: participação e auto-construção como processo - o caso da PRODAC (1970-1974). Tese de doutoramento. Pág. 202

e Vale Fundão (zona L); Armador (zona M); Flamenga e Lóios (zona N); às quais se junta uma zona central comercial (zona O). Entre estas zonas, ou ilhas, grandes áreas de descampados, um mar que as separa. O PUC foi também um laboratório de formas de desenhar habitação social e modos de a integrar no urbano. Foi aqui que se ensaiaram grandes conjuntos habitacionais portadores de urbanidade nos quais a transição entre o espaço doméstico e o espaço público foi desenhada de modo fluido: escadas abertas à rua, galerias a envolver os vários corpos edificados e passagens aéreas a liga-los. A experimentação tipológica na habitação ocorreu na habitação social, de promoção pública, antes de se consolidar nos bairros burgueses de classe média, como Telheiras.



[5]

Malha H, complexo habitacional na Flamenga, desenhado por Raul Cerejeiro © TOPIAS URBANAS

[5]

Zona central de Chelas.
© TOPIAS URBANAS

Tendo como horizonte a criação de uma micro-cidade desdobrada em várias centralidades dispersas numa paisagem verde, a materialização desta experiência utópica de desenho de cidade, veio transformar Chelas numa área fracturada que manteve a sua insularidade em relação ao resto da cidade.

A implementação do plano sofreu desvios desde o início, vindo a ser sucessivamente adiada e levada a cabo de modo faseado. Inicialmente, pela simultaneidade com a urbanização do Plano dos Olivais e a falta de recursos para ambos; depois com a queda do Estado Novo e uma alteração significativa do contexto político, cultural e social no país; e somente na proximidade da Exposição Universal, a materialização do plano é concluída e o território assume a sua configuração actual. Um dos maiores eixos viários de Chelas, a Avenida Marechal Spínola, na continuação da Avenida Estados Unidos da América, que iria ligar este território a Alvalade só é realizada para a Expo'98, e o seu traçado, como via rápida que rasga Chelas, expressa bem as intenções que o precederam, a ligação da cidade burguesa a Norte com a nova centralidade moderna, o Parque das Nações.



Com o processo de implementação faseada e fragmentada do PUC, os bairros foram crescendo sem ligação ao resto da cidade. Contou um morador do Condado que quando foi habitar para ali, o espaço público não estava tratado: um conjunto de edifícios no meio de terra batida. Na altura, não havia nenhum transporte público que lá chegasse. Ainda hoje a acessibilidade por meio de

transportes colectivos é uma questão: alguns autocarros passam pelas zonas habitacionais, a linha vermelha do metropolitano cruza o território com paragem na zona central e nas Amendoeiras e o apeadeiro de Marvila fica na fronteira entre a zona pós-industrial e o Marquês de Abrantes, mas o comboio só para nos dias úteis, ao fim de semana cruza o território a alta velocidade.

Marvila Velha, junto ao rio, é assim separada de Chelas pelo traçado da linha de cintura interna que segue para Sintra, e atravessada por outra linha férrea, que se dirige para Santa Apolónia. Esta área, caracterizada por uma intensa vida urbana associada à população operária que ali trabalhava e habitava, ocupando pátios e vilas operárias, até às décadas de 80 e 90 do século XX, entrou num processo de decadência desde então, com o fecho e deslocalização das indústrias para áreas mais periféricas.

Nos últimos anos, este cenário alterou-se, esta zona pós-industrial voltada ao Tejo é agora alvo de pressões imobiliárias que aqui encontram o cenário perfeito para a construção de núcleos habitacionais de luxo. Veja-se, por exemplo, os Jardins do Braço de Prata, desenhados pelo arquitecto Renzo Piano, em que o apartamento mais barato custa 550 mil euros e os mais caros rondam os 2,5 milhões. Ao mesmo tempo, as instalações fabris abandonadas estão a ser ocupadas por agências de marketing e publicidade, espaços de cow-working;

em suma, tomadas pelas chamadas “indústrias criativas”. De repente, esta área torna-se outra coisa. A transformação que a assola não dialoga com as vidas daqueles que ainda lá habitam, nem com o contexto envolvente; e pode forçar os antigos habitantes a sair.



[7]

Marvila Velha
© TOPIAS URBANAS



[8]

Marvila Velha. Estaleiro obra Jardins do Braço de Prata,
projecto de Renzo Piano
© TOPIAS URBANAS

Foi lançada a hipótese de anular a linha que liga a Gare do Oriente a Santa Apolónia, transformando a última num jardim ocupado por um hotel de luxo. Se este projecto se concretizar, a área de Marvila Velha reforça a sua continuidade, permanecendo a fronteira entre essa zona, alvo de um processo de gentrificação, e o território ocupado pelos bairros de habitação social. Mas também Chelas aguarda um conjunto de transformações: está prevista a construção de um grande hospital público, Hospital de Lisboa Oriental, para a zona central, que substituirá a maior parte dos serviços prestados pelos hospitais da Colina de Santana; prevê-se, no âmbito do programa Lisboa Renda Acessível destinado à classe média, a construção de novos edifícios habitacionais, num total de cerca de 1000 novos fogos, distribuídos por 3 bairros: Marquês de Abrantes, Condado e Flamenga. As alterações urbanas em Chelas podem contribuir para a dissolução das fronteiras que a separam do resto da cidade. Contudo, há que ir atentando ao seu acontecer e aos efeitos que produzem, esperando que não se configurem como a frente de um plano de recomposição e segregação social muito mais profundo.

Cartografias sensíveis de Chelas

Depois do período inicial de pesquisa alargada à vastidão e heterogeneidade de Chelas, Topias Urbanas teve uma primeira apresentação pública no Teatro Maria Matos em Dezembro 2016. Propusemos uma experiência imersiva numa instalação de som e imagem: imagens que expressavam a percepção e afecção por aquele lugar; uma montagem sonora feita com som directo gravado durante as caminhadas e excertos de conversas entretidas com



[9]

Topias Urbanas | Cartografias do Bairro.
Teatro Maria Matos, 17 Dezembro 2016.
© TEATRO MARIA MATOS



[10]

Cidade colagem. Marvila Velha, vista a partir do Marquês de Abrantes
© TOPIAS URBANAS

habitantes de Chelas. E depois uma conversa alargada. Infelizmente a Fernanda teve de se afastar do projecto. Continuei, acompanhada de um grupo mutável de investigadores e artistas que, em períodos maiores ou menores, abarcando todas as dimensões do projecto ou apenas algumas, o imaginaram e fizeram acontecer comigo: Ana Dinger, Ana Riscado, António Brito Guterres, Inês Veiga, Joana Pires, Mafalda Jacinto, Mariann Vas, Raquel Botelho, Sofia Borges e Tânia Moreira David. Associando um carácter processual e relacional ao teor discursivo e reflexivo e ao fazer artístico, Topias Urbanas continuou a mapear e interrogar as múltiplas camadas deste lugar. Convocando um encontro com as práticas, formas de coexistência e coabitação, necessariamente diversas e dissensuais, que o compõem, propôs-se desafiar as representações habituais deste território, enquanto arquipélago de bairros habitacionais separado social e culturalmente do resto da cidade, e reflectir sobre o modo como foi e é moldado pela história alargada da Lisboa.

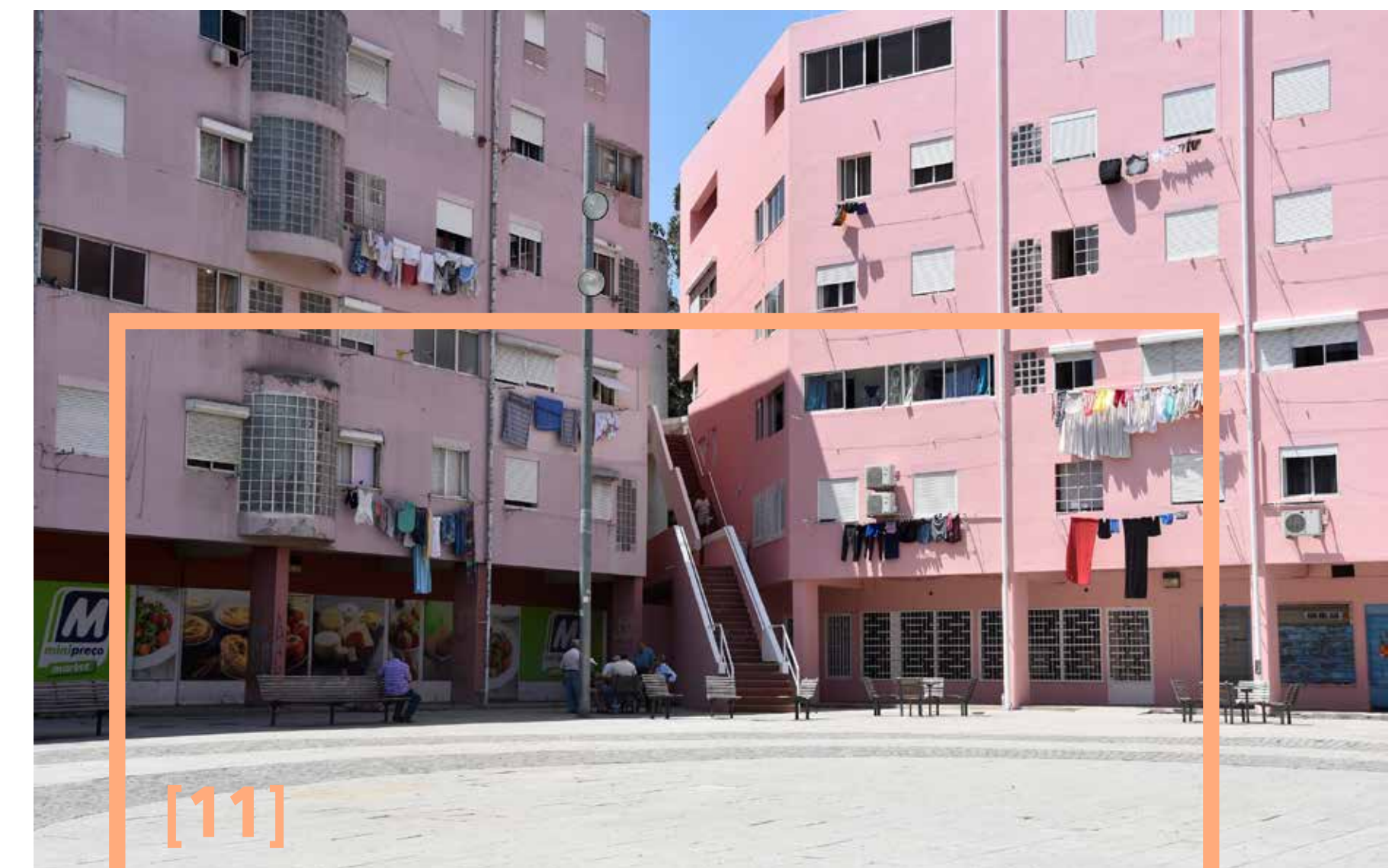
Depois desta primeira apresentação pública o processo focou-se em dois bairros específicos, muito diferenciados, Marquês de Abrantes e Lóios. Persistiu a escala maior deste território, articulada com a experiência mais profunda da investigação situada nestes lugares que mais nos interpelaram.

Ao longo dos meses de pesquisa nestes bairros, feita de deambulações colectivas, conversas, encontros, partilha de experiências e práticas com um conjunto de residentes de quem nos aproximámos, e que se aproximaram de nós, a tessitura dos mapeamentos sensíveis foi-se complexificando, cruzando olhares, inquietações, questões, e imaginários de quem habita estes lugares.

No dia 17 de Junho teve lugar a segunda apresentação pública do projecto, desta feita no bairro Marquês de Abrantes, em forma de conversa, escuta de histórias, instalação e jogo. Os anfitriões deste encontro foram também os moradores que connosco formaram uma comunidade temporária à volta do projecto.

Ao longo desta investigação situada emergiram questões que usámos como instrumentos para uma navegação deriva neste processo aberto. Algumas transversais a

todo o território, outras repetidas em diferentes lugares, foram sucessivamente reformuladas e afinadas pelo encontro com a matéria emergente da pesquisa e a crescente espessura das relações estabelecidas. Foram as linhas generativas dos objectos-situação que imaginámos e realizámos, e que em Setembro 2017 partilhámos com o público. Em forma de instalação, jogo performativo, vídeo, conversa, caminhada, propunham um encontro performativo com o território. No culminar do projecto apresentámo-los como forma de partilhar com o público a viagem interrogativa que desenvolvemos e de, juntos, descobrirmos as ideias de futuro que este pedaço de cidade contém em si.



[11]

Pantera cor-de-rosa, projectada por Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita. Lóios.
© TOPIAS URBANAS

Como redesenhar as representações exteriores que pesam sobre este lugar, usando o documental e o ficcional como veículos?

Procurámos repensar as imagens que temos de Marvila, através do olhar de alguns dos seus habitantes. Foi apresentado um exercício vídeo 'WPK: imagens entre o real e a ficção', feito em conjunto com um grupo de jovens moradores, resultado dessa experimentação. Uma proposta que atendeu aos modos de ficção usados por cada participante tanto para documentar as suas vivências no bairro e o modo como as representações habituais deste território influenciam a sua subjectividade, como para criar imagens a partir do seu imaginário.



[12]

Samuel, Iuri e Manuel, durante as filmagens
© TOPIAS URBANAS

[13]

Quinta das Flores.
Perto de Marquês de
Abrantes e PRODAC.
© TOPIAS URBANAS



Como se pode (re)subjectivar o espaço da cidade, dando uso aos descampados e áreas de indeterminação que nela se encontram?

As áreas expectantes que atravessam Chelas são marcadas pela presença de hortas muito diversas, criadas e cuidadas com uma inventividade improvisada por habitantes dos vários bairros. Clandestinas, elas expressam a forma como as pessoas transformam o espaço em que vivem moldando-o às suas necessidades e desejos. Implicando uma prática quotidiana, são fundamentais

para o sustento, mas também como formas de activação de memórias e práticas culturais. Traduzem o modo como áreas de indeterminação podem ser reinvestidas pelos habitantes, que assim (re)subjectivam o espaço da cidade.

Propusemos um encontro na Quinta das Flores como mote para uma conversa sobre a diversidade dos Quintais de Chelas e o seu papel nas vidas de quem os cuida, numa proposta que é também uma reflexão sobre modos de (re)subjectivação dos espaços da cidade.

Como é vivida quotidianamente a negociação de zonas liminares, entre o espaço público e a intimidade doméstica, nos edifícios-cidade que pontuam os bairros de Chelas? Tanto pela sua configuração espacial como pelos indícios materiais da sua vivência quotidiana, estas casas-cidade expressam de modo claro e simultâneo as potências de encontro e de conflito que estão presentes em todos os espaços em que a vida colectiva tem de ser negociada. Ocupámos ao longo de meses uma loja na Pantera Cor-de-Rosa, uma destas casas-cidade³, composta por vários corpos lineares que desenham um espaço-rua ocupado por um jardim, e um largo. Amplos espaços de transição fazem a ligação entre a escala das habitações e a escala da cidade, em forma de galerias que circundam as várias faces dos diferentes corpos, e pontes que os interligam. Concebidos como extensões do espaço doméstico que mantêm uma dimensão colectiva, esperava-se ingenuamente que viessem reforçar relações de vizinhança. Na realidade, impõem aos moradores a negociação quotidiana do seu uso colectivo marcada materialmente pela presença de grandes portões de ferro, suscitando disputas sobre quem deve ter acesso a eles.

Em conjunto com os moradores desenhámos um jogo performativo em torno da Pantera Cor-de-Rosa. De modo lúdico e irónico, nele se cruzaram memórias e vivências ligadas a este edifício-cidade com questões e situações levantadas pelo uso dos espaços limiares que fazem a transição entre a casa e a cidade, e as dimensões imaginária e ficcional de um conjunto de histórias ligadas ao edifício que nos contaram.

³ Projectada por Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, 1972, foi habitada no início da década de 80.

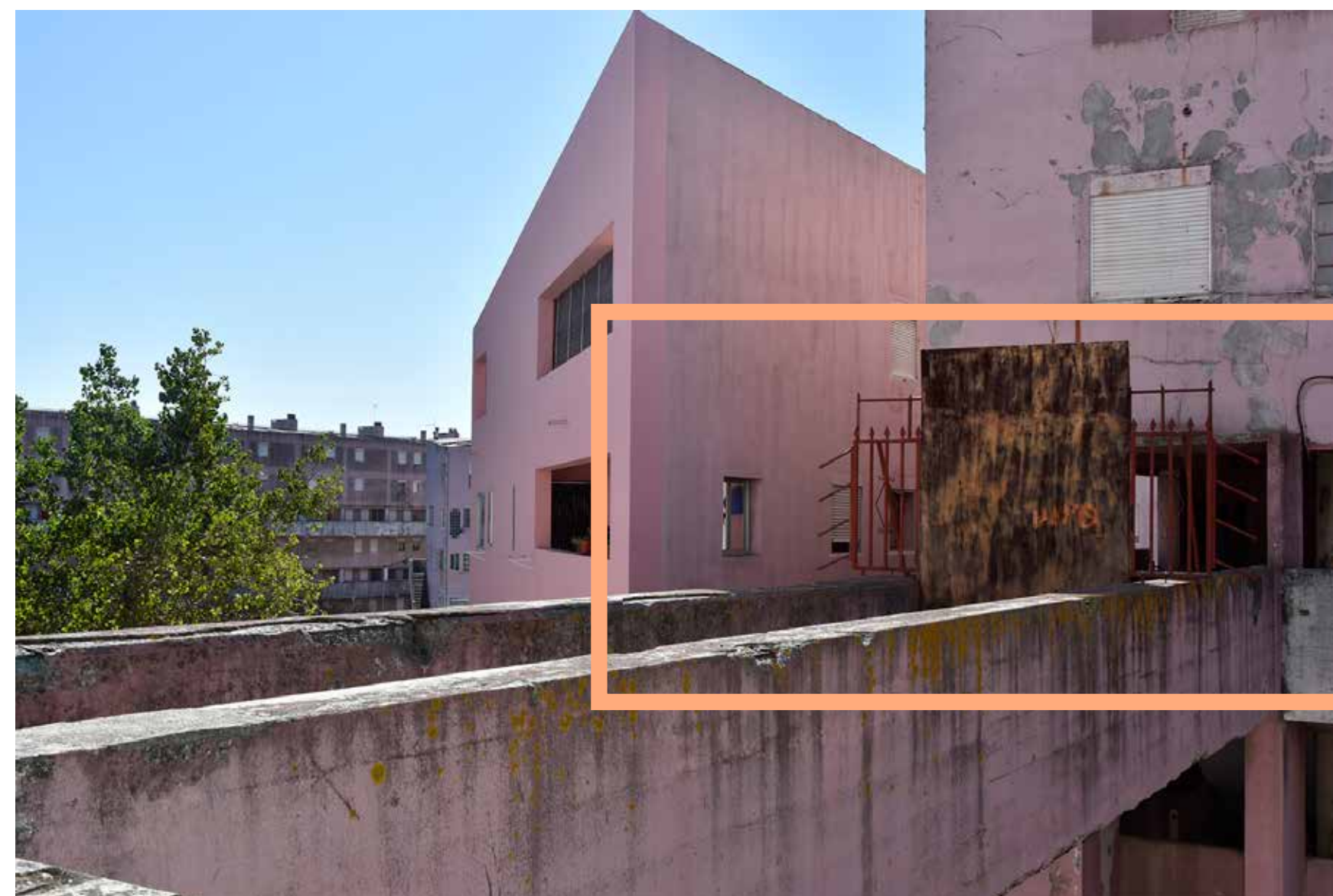
[14]

Pantera cor-de-rosa,
casa-cidade.
© TOPIAS URBANAS



[15]

Pantera cor-de-rosa.
Passagens interrompidas.
© TOPIAS URBANAS





[16]

Temporalidades complexas
Marquês de Abrantes.
© TOPIAS URBANAS

Que tensões generativas entre passado e futuro cruzam a contemporaneidade deste território?

Território fragmentado e fracturado, Chelas apresenta na contemporaneidade o cruzamento de distintas temporalidades, marcadas na paisagem e nas formas de vida que o ocupam.

Manifestas na mistura entre campo e cidade, nas fracturas do tecido urbano entre construções de diferentes tempos, e nas diversas e conflituais formas de vida, estas diferentes temporalidades cruzam-se no presen-

te, permitindo desvelar relações que estruturaram e marcaram este território: a expansão da cidade a nascente e o florescimento da indústria, a migração rural e a sua ocupação, os grandes projectos de habitação social, e mesmo as actuais alterações da cidade e sua financeirização.

Revelam toda a sua complexidade no bairro Marquês de Abrantes e áreas que o circundam, ocupadas anteriormente pelo bairro Chinês. Ali a paisagem revela uma sobreposição e contradição de temporalidade. Por

detrás das ruínas do Palácio dos Alfinetes, que já foi trefilaria e garagem de automóveis, e se perspectivou que viesse a ser a sede da Fundação Luso Brasileira com um projecto de Oscar Neimyer, um conjunto de torres habitacionais. Em frente à ruína, um descampado para onde está prevista a construção de casas para a classe média e logo a seguir a nova Biblioteca de Marvila, desenhada por Hestnes Ferreira. Para Nascente, depois de passarmos os arruamentos articulados dos edifícios de habitação social do bairro, um descampado alongado virado ao rio, pontuado por uma construção antiga (Pátio 88). Era aqui a rua principal do bairro Chinês, onde um mercado era montado todos os domingos. O actual descampado era a única zona do anterior bairro em que



[17]

Temporalidades complexas Pátio 88. Marquês de Abrantes.
© TOPIAS URBANAS

os moradores eram proprietários do terreno onde erigiram as suas casas. Aquando da demolição, um casal recusou a expropriação, e mantém um litígio jurídico com a Câmara Municipal de Lisboa. O Pátio 88 ainda está de pé, é ali que Lena mantém aberta a sua tasca; o marido, Idálio, é pastor de um rebanho bastante grande de cabras e ovelhas, que pastam pelos descampados de Chelas. O Pátio 88, estas formas de vida estranhas na cidade, são modos de resistência, de uma vida que escapa à captura.

Habitámos este bairro quotidianamente ao longo de meses, e conhecemos um conjunto de residentes que experienciaram todas estas transformações do espaço e dos modos de vida. Com eles iniciámos um jogo: levavam-nos a percorrer um itinerário ligado tanto a uma rememoração do lugar, como à sua vivência presente e ao que gostavam que mudasse no futuro. Assim, construímos uma série de cartografias singulares, em que o território é entrevistado e redesenhado consecutivamente, e nas quais se expressam as tensões entre as distintas

temporalidades e formas de vida que ali se sobrepõem. Estas cartografias singulares deram origem à criação de um conjunto de instalações de som e imagem, que integraram um dos objectos-situação do projecto, 'Cartografia em movimento: deriva pelo bairro e suas temporalidades'. Propusemos ao público, formado por visitantes e moradores, uma deambulação pelo bairro Marquês de Abrantes e áreas circundantes, que justapõe à experiência da caminhada o encontro com as diferentes temporalidades que cruzam este lugar, presentes na paisagem e iluminadas por estas instalações de som e imagem dispostas ao longo de um percurso sugerido num mapa. Cartografia em Movimento deu a ver dimensões e relações que moldam este território e se mantêm menos visíveis, bem como os olhares e vivências de quem o habita. O momento final deste trajecto foi marcado por um encontro entre visitantes e moradores, à volta de um jogo colectivo que ali acontece quotidianamente, a malha.



[18]

Temporalidades complexas Palácio dos Alfinetes e torres habitacionais ao fundo. Marquês de Abrantes.
© TOPIAS URBANAS